



ESPECIAL SEMANA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

“
Ninguém
nasce odiando
outra pessoa pela
cor de sua pele, por
SUA origem ou ainda
por sua religião.
Para odiar,
as pessoas
precisam
aprender, e se
podem
aprender a odiar,
elas podem ser
ensinadas a
amar
 ”

NELSON MANDELA

“

Angela Davis

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.”

“Em uma sociedade racista, não ser racista não é o bastante. É necessário ser antirracista.”



EDITORIAL

“A ESCRAVIDÃO LEGOU-NOS A INSENSIBILIDADE”

DIRETORIA

Esta edição do **Jornal da ADFRJ** está sendo produzida exatamente após os trinta dias iniciais de nosso mandato. Impossível resistir à ideia de um primeiro balanço. Não que haja tanto a ser avaliado sobre o nosso trabalho, mas é que o correr dos fatos tem nos colocado diante de muitos desafios. Desde que tomamos posse em 15 de outubro, o cenário brasileiro já sofreu grandes alterações deixando para trás a conjuntura específica que nos elegeram. Hoje temos o ex-presidente Lula fora da prisão, o partido do governo implodido e uma fortíssima instabilidade política devastando a América Latina. Ainda em final de outubro tivemos a eleição de Alberto Fernández na Argentina, as grandes marchas e o enfrentamento da população contra a política ultraliberal chilena e, mais recentemente, a renúncia de Evo Morales com violentos contornos de golpe de Estado. Não é pouco para um período tão curto.

No âmbito da UFRJ, também não estamos vivendo um período fácil. Como se não bastasse a aprovação da reforma da previdência, um lamentável parecer do Procurador Geral da UFRJ, Renato Vianna, de 9 de outubro, justificou a suspensão da concessão das progressões múltiplas pela Reitoria, apesar de ainda não existir uma decisão a respeito aprovada pelo CONSUNI. Compondo o quadro, temos ainda a flagrante ilegalidade do Ministro Alexandre de Moraes do STF, que fundamenta o corte de pagamento dos 26,05%, referentes ao Plano Verão de 1989. Em ambos os casos, expõe-se a esdrúxula situação da fragilidade institucional de nossa vida democrática, na qual se confunde a legalidade das ações administrativas com o terrorismo jurídico sobre nossos dirigentes. Dentre tantos princípios da Constituição de 1988 que vêm sendo atacados, parece que o da razoabilidade tem sofrido mais ultimamente.

Mas nada se compara ao que nos espera em 2020. O chamado pacote de maldades ultraliberais do governo, um plano de desmonte do aparelho estatal brasileiro, vai levar de roldão toda a rede de proteção ao cidadão, em especial as áreas da saúde e educação. Se havia dúvida sobre quais seriam os objetivos desse governo, a combinação dessas últimas ações com as propostas ensaiadas no Future-se e as armadilhas do Projeto de Lei do Orçamento Anual agora já deixam mais do que óbvio que estamos diante de um inimigo declarado.



Nesse contexto, qual o significado de uma edição do jornal inteiramente dedicada ao Dia da Consciência Negra? Faz sentido suspender todo esse debate para atermo-nos exclusivamente a ela? Se menos de 5% do nosso corpo docente é composto de professores negros, como se justifica a centralidade deste assunto numa semana de tantos embates e questões que afetam a maioria de nós? Hoje, quase dez anos depois da implantação da primeira política de cotas na UFRJ, temos uma maioria de jovens negros entre os estudantes da universidade. Trata-se de uma transformação profunda e qualitativa da vida universitária que ainda dará seus frutos mais duradouros. Essa movimentação não alcançou todos os cursos, tampouco os patamares necessários entre os pós-graduandos, e demorará para produzir mudanças substanciais na composição do corpo docente. Entretanto, ao evidenciar a brutalidade de uma exclusão que se naturalizou por quase cem anos de vida universitária, temos a convicção de que estamos tocando no âmago do problema que vive nossa sociedade. Em recente entrevista à Folha de São Paulo, Roberto Schwarz cita um trecho do historiador Luiz Felipe de Alencastro, escrito ainda na década de 1990, que dá dimensão histórica e social ao problema: “A escravidão legou-nos uma insensibilidade, um descompromisso com a sorte da maioria que está na raiz da estratégia das classes mais favorecidas, hoje, de se isolar, criar um mundo só para elas, onde a segurança está privatizada, a escola está privatizada, a saúde também” (1996).

“

Marielle Franco

“Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?”

“Ser mulher negra é resistir e sobreviver o tempo todo.”



MOVIMENTO NEGRO

UFRJ preta, pública, forte, gratuita e de qualidade

Campi da UFRJ têm coletivos que dão aulas de consciência e mostram que a diversidade racial fortalece a produção do conhecimento e de políticas públicas

SILVANA SÁ
silvana@adufRJ.org.br

Desde 2013, a implantação das cotas nas universidades federais fez a UFRJ avançar rumo à democratização do ensino superior. Apesar da conquista, o dia a dia acadêmico ainda é terreno árido para estudantes negros. São eles os mais dependentes de políticas de permanência como bolsas, moradia, transporte e alimentação. Os alunos também esbarram em violências subjetivas, como a falta de representatividade no corpo docente.

A partir das dificuldades, surgiram os coletivos negros na instituição. Primeiro, na graduação; depois, na pós. “Hoje, nós temos 19 coletivos”, conta Luciene Lacerda, da Comissão de Coletivos Negros da UFRJ. “A ideia é que a universidade se responsabilize pelas discussões e políticas, e pense ações”, afirma. Além dos coletivos, a comissão também congrega as pró-reitorias de Graduação, Pós-Graduação, Extensão e de Políticas Estudantis.

“Algo comum entre todos os coletivos é justamente ser apoio e transformar a realidade”, justifica Alexandre Freitas da Silva, do Coletivo Negrex, da Medicina. O grupo discute a saúde da



ERNESTO CARRIÇO

COLETIVOS ajudam negros a ganharem espaço na universidade

população negra e conseguiu introduzir o tema em três momentos do curso: no terceiro e sexto períodos e no internato. “Queremos combater o racismo enquanto futuros profissionais de saúde”, explica o estudante.

Apesar do avanço, o currículo oficial ainda não prevê disciplinas sobre o tema. “É preciso institucionalizar. A população atendida pelo SUS é majoritariamente negra, mas a formação ainda é elitista e branca”, critica.

No IFCS, há o Coletivo Guerreiro Ramos. Iracema Souza conta que o grupo montou um curso preparatório para a seleção da pós-graduação. “É voltado a estudantes negros da UFRJ e de outras universidades”, explica. “Atuamos em duas dimensões: fortalecimento de

quem já está na pós e ampliação do acesso para negros”.

Como principal entrave para estudantes negros, Iracema destaca o não domínio de línguas estrangeiras. “É a principal barreira, somada à restrição de recursos”. A falta de representatividade também afeta emocionalmente. “Nosso programa não tem docentes negros”, diz a aluna do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia

Daniel Lopes, é um dos fundadores do Coletivo Dona Ivone Lara, do Serviço Social. “Antes mesmo da rede de apoio, surgimos lutando pelo direito de acessar a pós-graduação”, conta. O grupo foi formado em 2017, a partir das discussões para adoção das cotas na pós da unidade.

NOTA DE AGRADECIMENTO

Os coletivos negros da UFRJ escreveram mensagem de agradecimento pelo apoio da AdUFRJ para realização de eventos na universidade.

A Comissão de Coletivos Negros da UFRJ vem por intermédio desta carta agradecer à AdufRJ pela contribuição financeira para a realização do evento Black In Fundão- Festival Preto, que ocorreu dia 14/11, no campus Fundão, na Reitoria. Reconhecendo a importância do mesmo para a valorização da presença da juventude negra na Universidade e suas expressões político-culturais. A luta antirracista continua e contamos com o apoio desta instância da Universidade para somar nessa luta mais vezes! Seguimos!

Comissão de Coletivos Negros da UFRJ
Coletivos Negros Virgínia Leone Bicudo da Psicologia, Negrex da Medicina, Claudia Silva Ferreira da FND, Coletivo Negro da Geografia, Conceição Evaristo da Letras, Coletivo Negro Ebí da Biologia, Dona Ivone Lara do Serviço Social, Mary Seacole da Enfermagem, Carolina de Jesus do IFCS, Beatriz Nascimento da História, Claudia Silva Ferreira de Direito, Tereza de Benguela de Relações Internacionais, BAFROS da Comunicação Social, Almirante João Cândido de DGEI, Comissão de Direitos Humanos E Combate às Violências, Associação de Pós-Graduandos da UFRJ e DCE.

“

Martin Luther King

“Eu tenho um sonho: que meus quatro filhos um dia viverão em uma nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, e sim pelo seu caráter.”



DADOS

NEGROS NO BRASIL

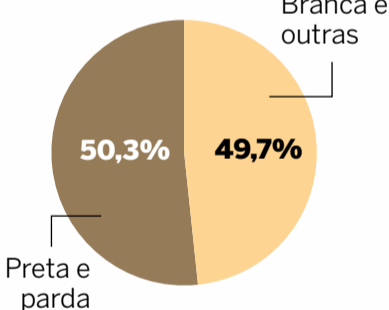
Pretos e pardos são maioria nas universidades públicas do país, mas grupo ainda é sub-representado

POPULAÇÃO BRASILEIRA EM 2018

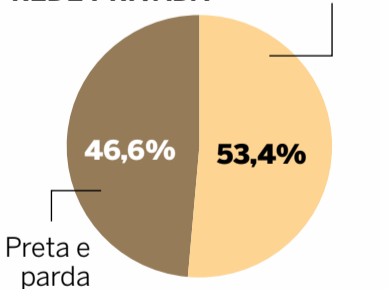
- Brancos: **43,1%**
- Pretos: **9,3%**
- Pardos: **46,5%**
- Total de pretos e pardos: **55,8%**

Estudantes de 18 a 24 anos no ensino superior

REDE PÚBLICA



REDE PRIVADA



PRETOS E PARDOS AINDA SÃO MINORIA EM CURSOS COM MAIOR PRESTÍGIO SALARIAL

- Medicina: **40%**
- Engenharia: **40%**
- Odontologia: **39%**

e maioria nos cursos de

- Serviço Social - **60%**
- Pedagogia - **58%**

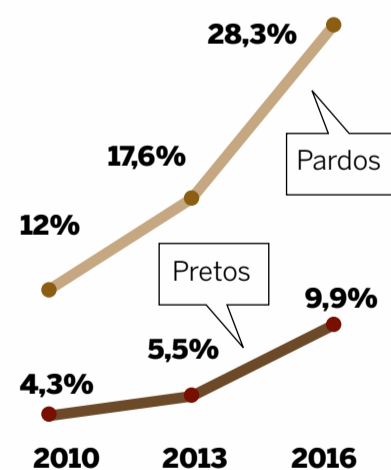
(Fonte: Coluna Antônio Gois/OGlobo.com base no Censo da Educação Superior)

NA UFRJ, BRANCOS AINDA SÃO O MAIOR GRUPO NA GRADUAÇÃO. PERCENTUAL DE PRETOS E PARDOS ESTÁ EM CRESCIMENTO

2019

- Brancos: 20.001 - **36,5%**
- Pardos: 12.256 - **22,4%**
- Pretos: 5.220 - **9,5%**
- Amarelo: 463 - **0,85%**
- Indígena: 123 - **0,23%**
- Não declarados: 16.696 - **30,5%**
- Total - **54.759**

Participação de pretos e pardos entre os ingressantes na graduação da UFRJ



ESCOLARIDADE AINDA É MAIS BAIXA ENTRE PRETOS E PARDOS

Analfabetismo entre pessoas a partir de 15 anos de idade

- Brancos: **3,9%**
- Pretos e pardos: **9,1%**

Abandono escolar

Jovens de 18 a 24 anos com menos de 11 anos de estudo e que não frequentavam escola

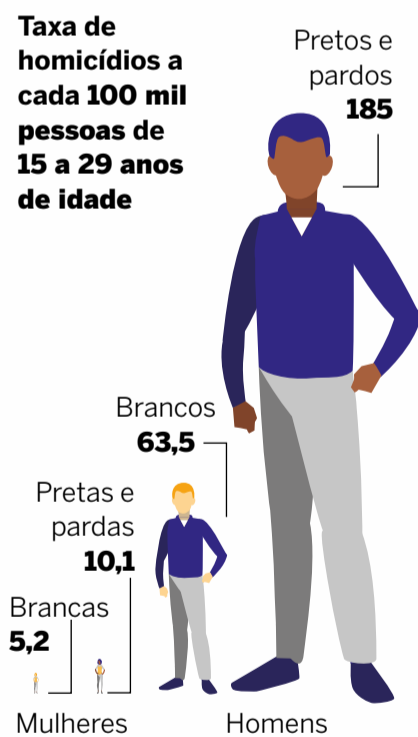
- Brancos: **17,4%**
- Pretos e pardos: **28,8%**

Conclusão do ensino médio na faixa etária de 20 a 22 anos

- Brancos: **76,8%**
- Pretos e Pardos: **61,8%**

JOVENS PRETOS E PARDOS SÃO MAIS VULNERÁVEIS A SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA

Taxa de homicídios a cada 100 mil pessoas de 15 a 29 anos de idade



Estudantes do 9º ano do ensino fundamental que informaram situações de violência

Agredidos por algum adulto da família

- Brancos: **13,1%**
- Pretos e Pardos: **15,1%**

Envolvidos em briga com uso de arma de fogo

- Brancos: **4,9%**
- Pretos e Pardos: **6,2%**

Envolvidos em briga com uso de arma branca

Jovens do 9º ano em escolas situadas em área de risco

- Brancos: **45,7%**
 - Pretos e Pardos: **53,9%**
- Escola pública**
- Brancos: **50,1%**
 - Pretos e Pardos: **55,3%**
- Escola privada**
- Brancos: **29,5%**
 - Pretos e Pardos: **40,7%**

BRANCOS AINDA GANHAM MAIS, SOFREM MENOS COM O DESEMPREGO E SÃO MAIORIA NOS CARGOS DE CHEFIA



No total de desempregados, brancos são **34,6%** e Pretos e pardos, **64,2%**

Renda mensal

- Brancos: **R\$ 2.796**
- Pretos e pardos: **R\$ 1.608**

Fontes: Informativo Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil 2018/IBGE e UFRJ.

“
Milton
Santos

“A má índole, associada à falta de educação, leva ao racismo, ao preconceito e até à marginalidade. Existem apenas duas classes sociais, as do que não comem e as dos que não dormem com medo da revolução dos que não comem.”



ARTIGO

DIVULGAÇÃO



**ANTONIO
CARLOS
FONTES
DOS
SANTOS**

Professor Associado
e vice-diretor do
Instituto de Física

MAS VOCÊ É PROFESSOR? SUBSTITUTO, NÉ?

Maria, uma jovem negra, está feliz pela bolsa de estudos integral que conseguiu através da ONG Educafro para estudar na prestigiosa Fundação Getúlio Vargas. Ao chegar ao imponente edifício situado na Praia de Botafogo, para e pensa: “Esse lugar não é para mim”, e nunca mais volta naquela instituição. Sérgio e Lucas são dois professores negros de matemática do ensino médio. Ambos pretendem fazer mestrado e doutorado. “Nós temos um programa de pós-graduação em ensino de matemática na UFRJ”, falo de forma convidativa. “UFRJ? Não é para mim”, respondem. Os nomes são fictícios, mas as histórias são reais. O racismo de nossa sociedade é dito estrutural e estruturante: homens brancos com os melhores salários e posições de maior prestígio, seguidos pelas mulheres brancas. Bem abaixo vêm os homens negros, e por último, as mulheres negras. Os sentimentos de não pertencimento de Maria, Sérgio e Lucas são consequências deste racismo. O título provocativo deste texto, “Mas você é professor? Substituto, né?”, também está relacionado com fatos reais e ao caráter descritivo e prescritivo do racismo. Afinal, não se veem docentes negros com frequência na UFRJ.

Lembro-me de meu primeiro ano de doutorado na PUC-Rio na primeira metade da

década de 90. Um funcionário negro me fez a seguinte declaração: “Você é um de nós, no meio dos bacanas”. Foi naquele momento que compreendi a importância da representatividade.

A estratificação racial e de gênero de nossa sociedade é o resultado das contribuições de vários fatores que põem os(as) negros(as) em posição de desvantagem social. Um exemplo é a exclusão das redes de relacionamento com indivíduos que detêm o controle das oportunidades profissionais. Não raro encontramos alunos e docentes com algum grau de parentesco com docentes ou ex-docentes. Isso nada mais é do que um reflexo do capital social, ou seja, os recursos relacionais disponíveis aos brancos, mas raramente aos negros.

A desvantagem dos negros não é um resultado somente de discriminação voluntária. Decorre ainda da preferência subliminar de indivíduos do estrato dominante por seus pares. Os estereótipos negativos sobre negros resultam num racismo muitas vezes não percebido pelos praticantes. Não raro, os próprios negros absorvem esses estereótipos e passam a enxergar a si próprios a partir deles, gerando uma carga emocional significativa, tornando as interações diárias em fonte de estresse emocional. Como nos exemplos de Maria, Sérgio e Lucas, as motivações individuais em alcançar objetivos profissionais podem ser perdidas em função da prescrição social do lugar que os indivíduos podem ocupar.

Muitos ainda creem, apesar dos dados apontarem o contrário, que a discriminação racial não é um problema, o marcador seria a classe social. Porém, comparando brancos e negros com o mesmo nível socioeconômico, as desigualdades perduram.

Alberto Carlos Almeida^[1], utilizando metodologia quantitativa de pesquisa, mostra claramente que a imagem do negro está associada à desonestidade e ao crime. Contrariando o senso comum de que ocupar profissões de maior status “embranquecem” o indivíduo, os dados mostram ainda que o contexto não muda a maneira como o negro é visto na sociedade. Dando um exemplo pessoal, quando eu ainda tinha um carro importado, era confundido com motorista particular. Ou, quando estou de terno, sou confundido com segurança ou líder religioso.

Com base no relatado acima, foram implantadas ações afirmativas no seio da sociedade brasileira. Desde a implantação da lei de cotas, os números de alunos e docentes negros vêm crescendo no Brasil, mas ainda estão sub-representados. Recentemente, o IBGE divulgou que, pela primeira vez, os negros são maioria entre os estudantes nas universidades. Eu olho com cautela para esses dados. O número de fraudes nas autodeclarações ainda é muito grande. Aliás, quantos docentes negros há na UFRJ?

[1] Alberto Carlos Almeida, A Cabeça do Brasileiro, 8ª Edição, Editora Record, Rio de Janeiro (2015).

“

Dona
Yvone
Lara“Um sorriso negro, um abraço negro
Traz... felicidade/Negro sem
emprego fica sem sossego/Negro é
a raiz da liberdade”

DEBATE

CONCEIÇÃO,
CONSCIÊNCIA
& NEGRITUDEELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

“A nossa grande alegria é essa: a universidade tomada por estudantes e professores negros”. As palavras são da escritora e ativista do movimento negro Conceição Evaristo. No mês da Consciência Negra, ela foi a convidada especial de um debate organizado pela decania do Centro de Tecnologia (CT), na quarta-feira (13).

No mesmo dia, o IBGE divulgou estudo em que os negros são maioria, pela primeira vez, nas universidades públicas: “Ficamos felizes, mas sabemos que as ações afirmativas são apenas um ponto de tudo o que o Estado nos deve”.

Ex-aluna da Faculdade de

Letras da UFRJ, Conceição reivindicou que a participação negra na universidade não fique restrita ao acesso dos estudantes. “Quando falamos de enegrecer o espaço, não podemos esquecer o currículo”, destacou a escritora. “Quais são os autores e autoras que estão sendo estudados e sob qual perspectiva?”, questionou.

A presença da contista e poetisa emocionou o público, predominantemente composto por estudantes e servidores negros, no Salão Nobre do CT.

A pró-reitora de Pessoal, Lúzia Araújo, única negra entre os pró-reitores, prestigiou o debate. “Ser pró-reitora desta universidade não é qualquer coisa. A representatividade é parte importante da nossa luta”.

ELISA MONTEIRO



A ESCRITORA
Conceição Evaristo
foi homenageada
no Salão Nobre

E completou: “Podemos ocupar esse espaço. Podemos ocupar qualquer espaço”.

A presidente da AdUFRJ, professora Eleonora Ziller, saudou a atividade. “Não é preciso ir muito longe. Cinco anos atrás,

seria impensável uma configuração como essa em uma mesa no Centro de Tecnologia”, destacou. “Obrigada, Conceição, por tudo que você representa e pelas portas que abriu, principalmente para a nossa juventude”.

FESTIVAL CELEBRA ARTE E RESISTÊNCIA NEGRAS

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Festejar a cultura e a resistência da população negra. Este foi o objetivo do Festival Preto Black In Fundão, organizado pela Comissão de Coletivos Negros da UFRJ, nos pilotis do prédio da reitoria, dia 14.

“É um momento para celebrarmos nossa cultura e arte, mas também para nos afirmarmos enquanto agentes políticos”, disse Patricia Cardoso, estudante de Psicologia e integrante da

Comissão. Foi uma das maiores atividades realizadas pelos grupos na universidade. “É fruto de uma articulação extremamente necessária dos nossos coletivos. Quando nos reconhecemos como grupo, resgatamos nossas humanidades”, defendeu Patricia.

A atividade, que contou com oficinas de charme e de jongo, também trouxe ao Fundão importantes nomes do movimento negro nacional. Dentre eles, o do rapper BK. “Ele é muito co-

nhecido. É militante e filho de uma militante do movimento de mulheres negras”, confirmou Luciene Lacerda, técnica aposentada da UFRJ e doutoranda da Faculdade de Educação. “Ele transforma toda sua história e militância em música. Foi muito importante tê-lo na UFRJ”, festejou Luciene, que foi uma das organizadoras do festival.

PRÓXIMA ATIVIDADE

O evento fez parte de uma programação maior dos coletivos que começou em 12 de setem-

bro e se estende até o dia 30 de novembro, com atividades em diversas unidades e campi. A próxima ação acontece no dia 21 de novembro, às 14h, no Auditório do NEPP-DH, na Praia Vermelha. O Coletivo Virgínia Leone Bicudo, da Psicologia, vai realizar um cine debate sobre o filme “Ôrí”, da cineasta Raquel Gerbere. O documentário, construído a partir do relato da historiadora Beatriz Nascimento, conta a trajetória dos movimentos negros brasileiros entre os anos de 1977 e 1988.

“

Marcelo Paixão

“O racismo no Brasil tem um papel estruturante na construção das desigualdades sociais. Ele está por detrás do problema do desemprego, da falta da terra, da violência.”



GUIA DE COTAS



OBSERVATÓRIO DO CONHECIMENTO

<https://observatoriodoconhecimento.org.br/pequeno-guia-de-defesa-de-cotas-sociais-e-raciais/>

Elas existem há 19 anos, mudaram o perfil dos alunos das universidades e nunca estiveram tão ameaçadas como agora. As cotas sociais e raciais são o tema de um guia produzido pelo Observatório do Conhecimento – rede de associações e sindicatos de docentes de todo o país articulada em defesa da educação superior pública, gratuita e de qualidade e da liberdade acadêmica. Confira os principais trechos do documento do Observatório:

UMA HISTÓRIA DE LUTA

No final dos anos 90, o debate sobre as cotas sociais e raciais nas universidades públicas foi um marco na discussão sobre racismo estrutural no Brasil. O país, que nunca tinha rompido seu imaginário colonial nem enfrentado o mito da democracia racial, se deparou com a oportunidade de reconhecer o legado de violações sistêmicas de direitos às populações negra e pobre.

(...)

Em 2000, a UERJ foi a primeira universidade pública a adotar o sistema de cotas sociais e raciais. Não é mera coincidência, portanto, que uma das principais tentativas de eliminar as cotas universitárias no país parta do deputado Rodrigo Amorim (PSL), da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), que apresentou projeto de lei que pretende abolir as cotas raciais para o ingresso nas instituições estaduais de ensino superior. No entanto, projetos similares já foram apresentados em âmbito federal, como o projeto da deputada federal Dayane Pimentel (PSL-BA), que pretendia revogar a Lei de Cotas de 2012.



O QUE É A LEI DE COTAS?

O objetivo de políticas afirmativas como as cotas é corrigir distorções no acesso ao ensino

superior público resultantes de desigualdades estruturais e históricas na sociedade. Um estudo elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) mostra que, em 2004, apenas 5,6% dos jovens negros brasileiros entre 18 e 24 anos tinham acesso à graduação, em comparação à taxa de 19,2% entre os jovens brancos. A discrepância se mantinha também em termos de renda: naquele mesmo ano, enquanto 43,2% dos jovens de maior renda no país conseguiam entrar na universidade, menos de 1% dos jovens da classe mais baixa acessava o ensino superior.

(...) Em 2004, a Universidade de Brasília (UnB) se tornou a primeira universidade federal a instituir o mesmo sistema. Em 2012, a lei 12.711, também conhecida como Lei de Cotas, finalmente estabeleceu regras únicas para a adoção de cotas raciais e sociais pelas universidades e instituições federais.



COMO AS COTAS FUNCIONAM?

A Lei de Cotas determina que 50% das vagas em universidades e instituições federais de ensino superior sejam reservadas a candidatos que cursaram o ensino médio em instituições públicas de ensino. Dentro desse contingente, a legislação estabelece que pelo menos metade

seja destinada a estudantes cujas famílias têm renda per capita igual ou inferior a 1,5 salário mínimo; e que uma proporção equivalente à soma das populações preta, parda e indígena do estado em que está localizada a instituição seja reservada para candidatos dessas etnias. Em 2016, a lei 13.409 determinou, ainda, reserva de vagas para pessoas com deficiência, também na mesma proporção que a população do estado de referência.

(...)

MITOS SOBRE AS COTAS

Desde que foi criada, a política de cotas sofreu duros ataques, alimentados pelo preconceito e pela desinformação. Dois dos mitos mais difundidos sobre elas são o de que as cotas tiram vagas das pessoas que não se encaixam nos critérios estabelecidos e o de que elas impactam negativamente na qualidade do ensino superior público. Os dados sobre o ensino superior público desmentem essas duas afirmações.

Segundo o professor e ex-ministro da Educação Renato Janine Ribeiro, desde que as cotas começaram a ser implementadas, o número de vagas da chamada “livre concorrência” aumentou em 15%. Isso significa que, nas últimas duas décadas, o acesso ao ensino superior público foi expandido a todos os perfis de estudantes, independentemente dos critérios para se candidatar às cotas. É um erro, portanto, assumir que as cotas “tiram” vagas daqueles que não se encaixam nos critérios raciais e sociais.

Também não é verdade que alunos cotistas têm rendimento

pior do que alunos que não entraram pelo sistema de reserva de vagas. Um estudo da Universidade Estadual de Campinas e da Universidade do Sul da Califórnia, nos Estados Unidos, que comparou as notas de um milhão de alunos que prestaram o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) no triênio 2012-2014, concluiu não haver diferenças significativas entre o desempenho de estudantes cotistas e não-cotistas. Professores e pesquisadores afirmam também que o bom desempenho e a permanência de alunos oriundos do sistema de cotas na universidade dependem, sobretudo, de suporte financeiro, para que suas condições de estudar sejam equivalentes a de alunos que entram em vagas de livre concorrência.

(...)



RACISMO E COTAS

(...)

Ainda assim, há quem argumente que cotas raciais não apenas são desnecessárias, como são prejudiciais à sociedade brasileira. Ao justificar seu projeto de lei para abolir as cotas raciais no estado do Rio de Janeiro, o deputado estadual Rodrigo Amorim (PSL-RJ) argumenta que as “cotas raciais sempre dividem negativamente as sociedades onde são implantadas, gerando o ódio racial e o ressentimento”. Argumentos como esse tentam minimizar a existência do racismo e invisibilizam seus impactos cotidianos, sistêmicos e estruturantes na sociedade brasileira.(...)

GALERIA



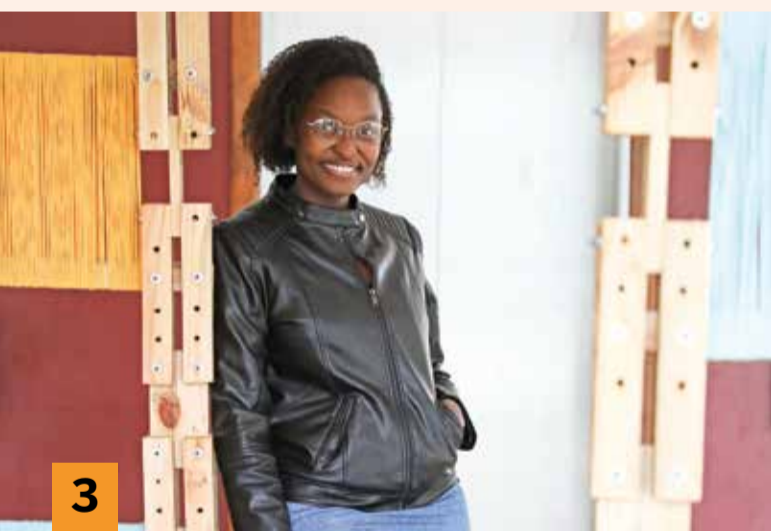
UFRJ PRETA Durante três dias, o fotógrafo **ERNESTO CARRIÇO**, negro, 51 anos de idade, 28 de ofício, nascido em Volta Redonda, percorreu a UFRJ para retratar a diversidade nos corredores e jardins da instituição. O resultado do trabalho é um mosaico de rostos e histórias negras. Sim, os campi da maior universidade do Brasil mudaram de cor. Estão mais coloridos, mais diversos, e por isso, muito mais interessantes e produtivos.



1



2



3

■ A universidade mudou, mas é preciso avançar mais. Nenhum professor negro foi encontrado pelo fotógrafo no período em que se deslocou pelo Fundão para fazer o ensaio. Um técnico-administrativo não quis participar. Já os terceirizados negros da universidade estão aqui representados por Waldinéa Nascimento (5), da Associação dos Trabalhadores Terceirizados da categoria (ATTUFRJ)



4

Os estudantes são de diversos cursos: Samuel Castelo, do bacharelado em Dança (1); Camila Andrade, da Biologia (2); Thirza Caroline, da Escola de Belas Artes (3); Samuel Washington, da Biologia (4); Caio Lima, da Faculdade de Letras (6); Ana Luíza Oliveira, da Escola de Comunicação (7) e Ivanise Regina, da Faculdade de Letras (8).



5



6



7



8